

O BARULHO

(mais conteúdo em pedro-nunes.com)

- “*És só barulho.*”

Foi com uma metáfora que ela escolheu sair de rompante, deixando o silêncio da luz do candeeiro que, mais cedo ou mais tarde, acaba sempre a bruxulear, como se perdesse potência por um segundo, ou reservasse forças para mais logo. A ele – o jovem Henrique, ainda que já não tão jovem como antigamente – pareceu-lhe poético; pelo menos numa primeira análise.

Foi ao frigorífico, carregando o repugno nos passos, da sala até à cozinha, e abriu uma nova cerveja. A frescura do vidro de encontro ao sangue fervente a correr-lhe – possesso – nas veias, relembrou-o do que iniciou a discussão: o fim do Verão.

Ela disse “*Não gosto nada do fim do Verão.*” Ao que ele respondeu “*Não faz grande diferença.*” Ela riu-se, como uma hiena numa corrida fulminante, febril com a visão de uma presa fácil. Ele remeteu-se ao silêncio indigesto que sempre lhe cria azia, obrigando-o a suspirar em frequências audíveis, como a cria suspira o sono, ignorante dos dentes que se aproximam pela sua carne.

O Henrique arrastou-se de volta à sala, já a ira diluída na fadiga dos passos, e aterrou na poltrona – por um triz não a falhando – mas espirrando parte da cerveja na sua camisola branca. Não o incomodou em excesso, pois a mancha que virá, quando secar, juntar-se-á às outras tantas que já lá convivem. Ainda assim, exasperou com a perda.

A metáfora voltou-lhe à mente, vendo-a, no entanto, com outros olhos. Quem diz que ela o disse como um insulto? Talvez ela pretendesse compará-lo com uma boa música, o som da chuva numa noite fria, o bater à porta na penumbra da solidão. Tantos barulhos são bons, porque haveria ele de ser um nefasto?

Depois do seu suspiro, ela voltou a falar, desta vez com os dentes já envoltos no pescoço do pequeno ser “*E o que é que te faz diferença, diz-me lá.*” Ele pensou antes de responder, obrigando-se a dar seriedade à pergunta “*A mudança da hora.*” Ela repetiu a frase mas alterando a melodia, para lhe conferir um valor interrogativo. Ele submeteu-se a facultar maior detalhe, depois do “*Sim*” inicial despertar um olhar desgastado mas intenso sobre o seu corpo “*Quer perca ou ganhe uma hora, o meu dia altera-se, os horários alteram-se. As seis da tarde de um dia, já não serão as seis da tarde do dia seguinte. De um segundo para o outro, viajas no tempo – ou vivendo a mesma hora*

duas vezes, ou saltando uma. Isso perturba-me muito mais do que o vagar enfadonho com que o dia encurta, ao longo de meses.”

O Henrique estendeu a mão para o comando, em equilíbrio no encosto de braço da poltrona, e deixou o dedo escolher o número a pressionar. A televisão iluminou-se logo de seguida como se temesse tornar-se obsoleta, e uma sedutora voz feminina enunciou as elevadas temperaturas de um Outono ainda agarrado à estação anterior.

“És só barulho.” Desta vez, leu-lhe uma ambição desmedida. Quem é ela, que ele não é? Que som é esse que ele faz, que o descreve tão plenamente, que o converte em frequências, ondas, amplitudes? Talvez seja algo que só ele não ouve por já se ter acostumado, como o vislumbre do nariz que o cérebro apaga para não incomodar a visão.

“És mesmo especialzinho, não é? Sabes dizer três palavras juntas!” Disse ela, usando o desprezo como gume para dilacerar a carne do indefeso *“Quem te disse que eu estava a falar do tempo, sequer? Não gosto do fim do Verão, porque depois vem o frio.”* Ele riu-se, num gesto cuspido. *“Qual é a piada?”* Perguntou ela. *“Se vires bem, não deixa de ser sobre o tempo.”*

O dedo do Henrique voltou a descer, pressionando os relevos de borracha, e a imagem alterou-se. A sedutora voz feminina e a pacífica, cativante visão satélite do país, com pequenas nuvens e sóis a enfeitar, deram lugar ao caos de uns desenhos animados quaisquer, com cores exóticas e movimentos eletrizantes.

Assolou-o uma fria tristeza ao não conseguir decifrar mais sentidos para a metáfora, para lá do incessante som de quem não tem nada para dizer. Fechou os olhos e tentou ouvir a sua engrenagem a coordenar a vida: os movimentos peristálticos dos tubos digestivos a empurrar comida, na nascente, e as fezes, na foz; as secreções das glândulas acessórias e os ácidos sucos gástricos a espumar pela chegada de matéria para corroer; o assobio dos ventos a percorrer as asfixiantes vias aéreas, inconscientes do mau negócio que lhes vai ser feito ao chegarem aos alvéolos.

Ela não se riu com as palavras dele; talvez por não achar piada, talvez por não as perceber, talvez por entender que, se se risse, mataria a raiva que a preenche tão confortavelmente. Ao invés, ergueu-se do sofá e olhou-o de cima, já sem muito de hiena, e disse *“Quando é que te vais fazer homenzinho?”* Ele não se riu, desta vez, também já sem muito de cria, e respondeu *“Quando o homenzinho se fizer de mim.”* A metáfora surgiu logo de seguida, a meio de uma caminhada determinada até à porta, por onde o corpo dela desvaneceu.

O Henrique abriu os olhos, sendo o seu campo visual novamente invadido pelo surrealismo da televisão. Deu-se conta, sem o compreender mas já o antecipando, de ter o telemóvel na mão. Desbloqueou-o e ligou para ela, em gestos solenes e firmes, e aguardou pelo vibrar indicativo do atender da chamada, no outro lado da linha. “*O que é que tu queres?*” Perguntou ela. O Henrique suspendeu as palavras, observando no redor o seu mundo – as paredes, o chão e o teto que delimitam as fronteiras; a mobília enraizada de braços estendidos; os insetos nos cantos sinistros incontornáveis – e soube, nesse segundo, que a queria a ela. “*Desculpa-me. Não me deixes sozinho. Quero ter-te ao meu lado quando me deitar.*” Ela suspirou, do outro lado “*Prometes que não me vais chatear?*”. Ele sorriu, com um atípico sabor metálico na boca “*Nem sequer faço barulho.*” Ela desligou a chamada, já em sentido de retorno. O Henrique deixou o telemóvel deslizar desamparado, e reposicionou-se no conforto da poltrona, aproveitando para mudar novamente de canal.